

18/m 602 - 32
203
S E R M A M

N A S S O L E M N E S

E X E Q U I A S,

QUE OS IRMÃOS DO SENHOR DOS
Passos do Real Convento de S. Domingos desta
Corte fizeraõ pelas almas de seus Irmãos de-
funtos, no primeyro Domingo de Novem-
bro, em que se contavaõ 6. do mesmo
mez deste presente anno de 1718.

Offerecido ao Illustrissimo, & Reverendissimo Senhor

HENRIQUE VICENTE DE TAVORA,
Filho dos Excellentissimos Senhores Marquezes de
Tavora, Thesoureyro Mòr da Santa Sè Patriar-
chal de Lisboa Occidental.

Pregou-o o Muyto Reverendo Padre

Fr. PEDRO MONTEYRO,

*Mestre na Sagrada Theologia, Prègador de S. Alteza,
Consultor do Santo Officio, Examinador Synodal
do Arcebispado de Lisboa Oriental, & do
Priorado do Crato.*

LISBOA OCCIDENTAL,
Na Officina de ANTONIO PEDROZO GALRAM,

Com todas as licenças necessarias,

Anno de 1719.

L 2838

2/987

203
SERMAM

NAS SOLENNES

EXEQUIAS

QUE OS IRMAOS DO SENHOR DOS

Padres do Real Convento de S. Domingos della

Corte fizeram pelas almas de seus irmãos de-

funstos, no primeiro Domingo de Novembro

de 1718, em que se celebrou o do mesmo

mes deste presente anno de 1718.

Officiante: Fr. Pedro de S. Antonio, Religioso da Ordem de S. Francisco

THENIOUE VICENTE DE TAVORA

Padre do Real Convento de S. Francisco da

Tavora, Tachoury e Mor da Santa de Fátima

chal de Lisboa Occidental

Fr. PEDRO MONTBYRO

Religioso da Ordem de S. Francisco da

Officina de ANTONIO PEBROZO GALRAM

Lisboa Occidental

20251

20251

20251

20
18
54

20251

Anno de 1718



ILLUSTRÍSSIMO , E REVERENDÍSSIMO Senhor.



ESTE papel, que ponho aos pés de V. Illustrissima, he o Sermaõ, que prèguey nas Exequias solemnes, que os Irmãos da Mesa do Senhor dos Passos deste Convento, de que V. Illustrissima he Provedor, & em cujo zelo se funda a estabilidade, & augmento da mesma Irmãdade, fez pelas almas de seus Irmãos defuntos. E como V. Illustrissima pela sua indisposiçãõ não pode assistir a ellas, parecco aos mesmos Irmãos, que este se imprimisse, para por meyo do prelo se fazer a V. Illustrissima presente. Quando da sua liçãõ resulte o inclinar se algum Chri- staõ à devoçãõ das almas, tenho conseguido, o que intentey, no consentir, se desse a luz; quando porèm isso pela sua imperfeyçãõ se não siga, pelo menos se me não poderà negar, que o intento foy lou- vavel; pois atè hum Poeta gentio disse, que os seus Deoses se satisfaziaõ das vontades:

A 2

Si

Ovidio.

Si delunt vires, tamen est laudanda voluntas,

Hac ergo contentos auguror esse Deos.

Na benignidade de V. Illustrissima acharà desculpa a temeridade da minha confiança, cuja pessoa guarde Deos para mayor esplendor das Purpuras, & decoro das Tiaras, como lhe pede neste Convento de S. Domingos de Lisboa Occidental,

**De V. Illustrissima seu mais humilde
Capellaõ, & devoto Orador**

Fr. Pedro Monteyro.



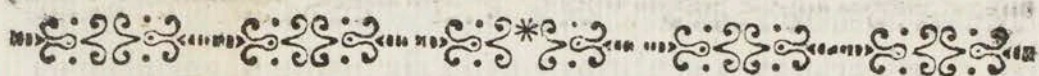
APPROVAÇOENS DO S. OFFICIO.

*Censura do M. R. Padre Mestre Fr. Manoel da
Esperança, Qualificador do S. Officio.*

EMINENTISSIMO SENHOR.

POr ordem de V. Eminencia vi este Sermaõ de Exequias, que prégou o M. Reverendo Padre M. Fr. Pedro Monteyro, Religioso da Sagrada Familia dos Prègadores, Consultor do Santo Officio, Prègador do Serenissimo Senhor Infante, Examinador da Sè Oriental, & Priorado do Crato, & nelle não achei cousa algũa, que se opponha aos dogmas de nossa Santa Fé, ou bõs costumes; com que me parece ser merecedor da licença que pede. V. Eminencia determinará, o que for servido. Carmo de Lisboa Occidental 4. de Dezembro de 1718.

Fr. Manoel da Esperança.



*Censura do Padre D. Lourenço Justiniano da
Annunciaçãõ, Qualificador do S. Officio.*

EMINENTISSIMO SENHOR.

ESte Sermaõ de Exequias que pertende imprimir o M. R. P. Mestre Frey Pedro Monteyro, he muyto merecedor da licença que pede, por me parecer muyto

to douto, formal, pio, & devoto, & muyto mais por
naõ conter cousa algũa contra a nossa Santa Fé, & bõs
costumes. V. Eminencia mandará o que for servido.
Lisboa Oriental Santo Eloy 9. de Dezembro de 1718.

Lourenço Justiniano da Annunciaçãõ.



L I C E N Ç A
Do Santo Officio.

Vistas as informações, pode-se imprimir o Sermão,
de que faz menção esta petição, & impresso tor-
narà para se conferir, & dar licença que corra, & sem
ella naõ correrá. Lisboa Occidental 16. de Dezembro
de 1718.

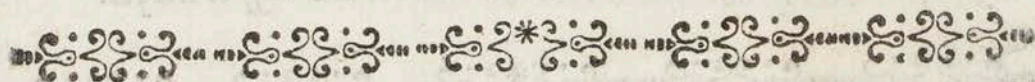
Ribeyro.

Rocha.

Fr. R. Lancaestre.

Guerreyro.

Carneyro.



DO ORDINARIO.

Pode-se imprimir o Sermão de que se trata, & de-
pois de impresso tornarà para se conferir, & dar li-
cença que corra, sem a qual naõ correrá. Lisboa Occi-
dental 5. de Janeyro de 1719.

Cardoso.

DO



D O P A Ç O.

S E N H O R.

POr ordem de V. Magestade li com grande gosto o Sermaõ de Exequias, que prègou o M. R. Padre Mestre Frey Pedro Monteyro, Religioso da Sagrada Ordem dos Prègadores, Qualificador do Santo Officio, Prègador do Serenissimo Senhor Infante, Examinador da Sè Oriental, & Priorado do Crato; & depois de o ter visto hũa vez por obediencia, que só nesta occasiaõ se achou sem merecimento, o torney outras muytas a ler sempre com admiraçaõ, & novo desejo de aprender de quem venero em tudo por hũ Mestre muy superior, descobrindo neste Sermaõ tudo o que desejava Santo Ambrosio: *Sermo tuus sese ipse tueatur, nec ullum verbum tuum in vanum exeat, & sine sensu prodeat.* Do Orador disse o Principe da eloquencia Marco Tullio, que devia ter tres condições, clareza, ornato, & distincçaõ: *Apertè, distinctè, & ornatè loqui.* Todas estas propriedades se admiraõ com grande relevancia em o Author deste Sermaõ, pois nelle se descobre felizmente hum estylo claro em propor, huma discreta distincçaõ em discorrer, & hum engenhoso adorno para suavizar. Em fim he obra este Sermaõ de taõ conhecido Orador, que só em se dizer que he seu, se diz tudo. Nenhuma cousa contèm, que possa offender as leys do Reyno, & ordès de V. Magestade, pelo que o julgo dignissimo do prelo, para que os que naõ tiveraõ o gosto de o ouvir, tenhaõ ao menos a dita de o ler. Este he o meu parecer.

recer, V. Magestade disporá o que for servido. Con-
vento de N. Senhora de JESUS de Lisboa Occiden-
tal aos 2. de Fevreyro de 1719.

Fr. Joseph da Conceyção.

Que se possa imprimir, vistas as licenças do San-
to Officio, & Ordinario, & impresso torne à Me-
sa para se conferir, & taxar, & sem isso não correrá. Lis-
boa Occidental 2. de Março de 1719.

Duque P. Botelho. Pereyra.



Censura do M. R. Padre Presentado Frey Manoel da Silva, Lente de Vespera do Real Collegio de N. Senhora da Escada.

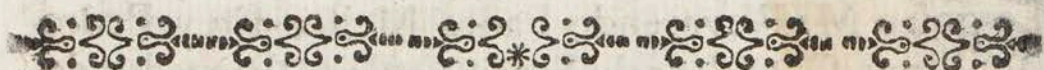
POr ordem de V. P.M.R. vi este Sermaõ, que prègou o M. Reverendo Padre Mestre Frey Pedro Monteyro, Consultor do Santo Officio, Prègador do Serenissimo Senhor Infante, & Examinador da Santa Sé de Lisboa Oriental, & Priorado do Crato, neste Convento em as Exequias dos Irmãos dos Passos delles; & assim como ha materias tão justas, que fazem toda a consulta escusada, como disse o Padre São Cypriano, ha outras tão justificadas, que darlhe fiscal, he ocioso, & entre estas conto eu este Sermaõ do Padre Mestre Frey Pedro Monteyro; porque tendo o seu Author hum Mestre dos de melhor nota, hum Qualificador da mesma conta, hum Prègador de geral aceytação, não se podia esperar da sua mão obra, que a todas as luzes não fosse muy justificada. Neste Sermaõ expoz o Padre Mestre aos Irmãos vivos, os termos mais finos da charidade Catholica para com seus Irmãos defuntos; fez sensivel aos vivos a horrenda pena, que no Purgatorio padecem os mortos; ensinoulhes os remedios, com que aos defuntos mitigão os vivos o rigor dos tormentos; animou a todos, que com a esperança do lucro, que lhes promette o agradecimento, sejaõ liberaes com aquellas almas, que agora gemem afflictas, & depois lhes valerão gloriosas. Nelle não usa dos encarecimentos, que fazem as verdades

B

sus.

202
suspeytas, nem de doutrinas parado xas; fim das verda-
des; que até nossa Santa Madre Igreja, & os Santos
Padres nos ensinão; pelo que julgo, que não só he dig-
no, mas muy conveniente, de que V. P. M. R. conce-
da a seu Author a licença||que pede. São Domingos de
Lisboa Occidental 18. de Dezembro de 1718.

*Fr. Manoel da Silva, Presentado, & Lente de
Vespera do Collegio da Rainha.*



LICENÇA DA ORDEM.

D Ou licença para que se apresente este Sermaõ, que
prégou o M. R. Padre Mestre Fr. Pedro Mon-
teyro, na Mesa do Santo Officio. São Domingos de
Lisboa Occidental 21. de Novembro de 1718.

*Fr. Pedro do Sacramento
Vigario Geral.*

AVE



AVE MARIA.

Doleo super te frater mi Jonatha.

2. Reg. 1.

P Alavras são estas, com que David no primeyro Capitulo do segundo livro dos Reys lamétava a morte de Jonathas, seu grande amigo, dizendo nellas, Eu me doo sobre vós meu irmão Jonathas. Estas mesmas confidero, que repetem hoje os Irmãos do Senhor dos Passos desta casa nestas Exequias, & mais suffragios, que applicação pelas almas dos que falecerão nesta sua Irmandade.

Refere o Texto Sagrado, que era tão grande o amor, com que Jonathas, & David se amavaõ, que para nos dar a entender a conformidade, com que viviaõ, disse que a alma

de hum andava unida á alma do outro: *Anima Jonathæ conglutinata est anime David.* Com que ambos sentiaõ a mesma pena, & se alegravaõ com o mesmo bem. Em nada se encontravaõ, porque o sentir de hum era o parecer do outro. E como haviaõ sido tão grandes amigos na vida, razão era, que por morte de hum se não esquecesse o outro da sua alma: que o amor para ser fino, não deve acabar com a vida do amigo, mas deve permanecer para com elle ainda na sua sepultura.

Muyto amou a Christo Senhor nosso o meu S. Pedro; delle disse S. João Chrysostomo, que nenhũ

B 2

dos

12 Sermão nas Exequias dos Irmãos

Chrylost.
rom. 2.
hom. 51.

Luc. 7. 47

Matth.
19. 27.

dos Discipulos o amara tanto como elle: *Nemo ita ut Petrus Jesum amabat.* Amou-o tambem muyto (como o mesmo Senhor affirmou) a sagrada Magdalena. Reparey com tudo, que somente a esta louvou o Senhor publicamente o seu amor, dizendo, que por elle lhe perdoava suas culpas: *Remittuntur ei peccata multa, quoniam dilexit multum.* Pois que teve mais hum amor, que outro? Que fineza obrou o da Magdalena, que o de Pedro não fizesse? Se aquella contrita lhe regou os pés com lagrimas: *Lachrymis cepit rigare pedes ejus;* Pedro tambem arrependido chorou amargamente as suas culpas, *flevit amarè:* se aquella gastou de seus bês, pelo ungir com precioso unguento, *& unguento ungebat;* este tambem pelo seguir cõ fervorosos passos, deyxou no mundo todos, os que possuia: *Reliquimus omnia, & secuti sumus te.* Pois como ló-

mente da Magdalena publica Christo, que o amara muyto: *Dilexit multum?* Ora a Igreja nos refere huma fineza do amor da Magdalena, que se não achou no de Pedro, nem no dos mais, pela qual nos certifica, que o seu amor para com o Senhor certamente fora o principal: diz assim: *O certè præcipuus Mariæ Magdalene amor, quæ à monumento Dominico, Discipulis recedentibus, non recessit.* Certamente o amor da Magdalena para com Christo foy o principal, ainda por comparação ao dos Sagrados Apostolos; & a sua maioria consistio nesta fineza, que retirando-se estes da sua sepultura, não se apartou della a Magdalena. Nos Discipulos diminuhio-se o amor, vêdo ao Divino Mestre morto; & não se diminuhio na Magdalena, para o deyxar, ainda depois de sepultado: *Discipulis recedentibus non recessit.* E como esta fineza, posto que futura,

Breviar.
Domin.
in ejus
festo
Resp. 7.

já

Já ao conhecimento do Senhor estava presente, por isso já antecedentemente louvou publicamente o seu amor: *Dilexit multum*; & a Igreja affirmou, que por ella o seu certamente fora o principal: *O certè præcipuus Mariæ Magdalene amor, &c.*

Com q̃tende entendido, que a campa, que cobre a sepultura, he a pedra de toque do amor; se este não chega á sepultura, foy grosseyro, se ainda permanece nella, he fino. *Ecce quomodo amabat eum*, disserão os Judeos de Christo Senhor nosso na sepultura de Lazaro. Eis-aqui se vê (diziaõ elles) o como este Senhor o amava. E porque mais agora, & não antes? Já antecedentemente não lhe tinha amor? Sim tinha: *Ecce quæ amas infirmatur*. Pois como estes homens sómente agora dizem, que mostrou, que o amava? He, porque d'antes, posto que enfermo, ainda Lazaro es-

tava vivo, & agora era já Lazaro sepultado; & as finezas na sepultura são a melhor prova da amizade: a campa he a pedra de toque, que distingue o amor apparente do verdadeyro, & que dá a conhecer, o que he grosseyro, & o que he fino: *Ecce quomodo, &c.*

Por isso reparay mais, que não só disserão, que o Senhor mostrava ter-lhe amor, senão também o modo, com que o amava: *Quomodo amabat eum*. Notay o *quomodo*, que está divino. O amor he como o ouro, que também tem seus quilates. Assim como ha ouro bayxo, & ouro fino, assim também ha amor remisso, & amor intenso, estes grãos são os quilates do amor, & destes a pedra de toque he a sepultura; se o amor não chega á sepultura, he bayvo, he grosseyro, tem muyto de terreo, porque esse amor he remisso; & se permanece nella, he superior, he fino, porque

B 3

esse

este amor he intenso: *Quomodo amabat eum.*

Ainda o Texto tem mais fundo: *Ecce quomodo amabat eum.* Aquella palavra, *Ecce*, na Escritura he enfatica, & denota sempre cousa digna de admiração; por isso della usou o Anjo na Encarnação do Divino Verbo, quando fallando com a Senhora, lhe disse: *Ecce concipies, & paries Filium.* E da mesma sorte a Senhora na humilde reposta, que deo ao Anjo, dizendo: *Ecce ancilla Domini, fiat mihi secundum verbum tuum.* E em outros muytos lugares. Usarão pois estes homêes tambem della na presente occasião; porque a verem nas lagrimas de Christo sinaes de amor de hum amigo para outro, que já estava na sepultura, tiveram isso por prodigio: *Ecce.*

Em cada palavra deste texto acho mysterio. Poderay agora o *amabat.* Vede, que não dizem: *Ecce quomodo amat eum*; senão,

Ecce quomodo amabat eum.

Não dizem, agora se vê, o como o ama, senão agora se vê, o como o amava. Não lhe attribuem amor de presente, senão sómente de preterito. Julgavam o de Christo pelo seu. A não ser este Senhor o amigo, tambem eu differa o mesmo; porque o amor dos mais para com os seus commummente acaba com a vida, & não permanece, nem chega à sepultura, quando muyto verificarseha de algũ delles para com o amigo sepultado, o *amabat*, mas não, o *amat*.

Não deyxemos por ponderar a ultima palavra deste mysterioso texto: *Ecce quomodo amabat eum.* Refere S. João, que diziaõ os Judeos, Eis-aquí se vê, o como amava a este. Reparo no *eum*. A este? pois não tem nome? não se chamava Lazaro? Com pouco respeyto fallão em hum homem, que entre os da sua nação era Principe: *De stirpe regia*
des-

Luc. 1.
31.

Ibid 38.

D. Antoinus to.
1. lit. B. de
Apostol.
Discipul.
cap. 19.
de Con-
versat. B.
Mariz
Magdal.

descendentes, disse delle, & de suas irmãas Santo Antonino. Sobre o ser tão nobre, era muy virtuoso, & entendido, que a não ter demais estas duas prendas, não seria de Christo tão amado; porém como já estava sepultado, atè o nome perdeu para com os seus. Oh desengane se a vaidade dos mortaes, que a mesma campa, que cobre o cadaver, para com o mundo sepulta a nobreza, sepulta a virtude, sepulta a discrição, sepulta a fama, & atè sepulta o nome: *Ecce quomodo amabat eum.*

Porém Catholicos, se regularmente fallando, tudo isto fica sepultado para com o mundo, para com Christo nunca as boas obras ficam sepultadas, por isso ainda na sepultura amava a Lazaro. Este amor de Christo Senhor nosso para com Lazaro, o da Magdalena para com Christo, & o de David para com Jonathas imitaõ hoje estes Ir-

mãos. Notay: O amor de David para com Jonathas assistio-lhe na sepultura sómente com a dor, *doleo*. O amor da Magdalena assistio a Christo na sepultura com a dor, & com a pessoa, *non recessit*. E o amor de Christo, como mais fino, assistio a Lazaro na sepultura com a dor, com a pessoa, & com o remedio: *Lachrymatus est JESUS.... Lazare veni foras*. Assim pois assistem hoje estes Irmãos como amigos extremos; assistem com a dor, porque se mostraõ magoados; com a pessoa, porque os vemos presentes; & com o remedio, não para os corpos, mas para as almas; porque applicaõ estes suffragios pelas de seus Irmãos defuntos.

Irmãos disse? Pois disse bem; porque supposto o não fossem por natureza, ferviaõ todos ao Senhor dos Passos na mesma Irmandade. Não vamos mais lóge, que cuido, que

mo

16 *Sermão nas Exequias dos Irmãos*

mos para o pensamento a
melhor prova. *Doleo su-
per te frater mi Jonatha.*

Eu me doo sobre vós meu
irmão Jonathas. Jonathas
não era irmão de David,
nem este tinha parentel-
co algum com Jonathas.
David era filho de Jessé,
& Jonathas filho de Saul;
David tinha sido pastor,
& Jonathas sempre foy
Príncipe; David tinha si-
do creado no campo, &
Jonathas nascido no pa-
ço. Pois como Irmãos?

Hugo.

Hugo Cardeal: *Frater a-
more, & cultus religione.*
Não só por hũa, mas por
duas razoens chama Da-
vid irmão a Jonathas; a
primeyra era pelo amor,
que lhe tinha, *amore*; & a
segunda, porque junta-
mente serviaõ a Deos am-
bos, seguiaõ a mesma re-
ligião, davaõ-lhe o mes-
mo culto, & viviaõ na
mesma irmandade: *Et cul-
tus religione.* Assim era Da-
vid irmão de Jonathas, &
da mesma forte o são en-
tre si estes irmãos. Com
que bem podem dizer,

como David: *Doleo super
te frater mi Jonatha.*

Porém para que os
meus ouvintes saybaõ, o
de que se compadecem, &
lastimaõ, he-me necessa-
rio propôr-lhes em pri-
meyro lugar as penas, que
no Purgatorio estaõ pa-
decendo as almas. Em se-
gundo, o como os que es-
tamos vivos, lhes pode-
mos aliviar esses tormen-
tos. E em terceyro, o co-
mo ellas depois de alivia-
das, se haõ de portar com-
nosco agradecidas. Com
que tendes que ouvir hũs
tormentos rigorosos, hũs
remédios pios, & hum a-
gradecimento nobre. Ou-
vime, que se entender, que
na dilação vos molesto,
em todos os tres pontos
ferey breve.

I. PONTO:

HE o Purgatorio, Ca-
tholicos, hum lugar
destinado pela justiça Di-
vina nas entranhas da ter-
ra, para purificar as almas
dos fieis defuntos, que
aca-

acabáraõ em graça, sem estarem ainda purificadas inteiramente. Nelle se purificação com fogo, & outras penas, atè a justiça Divina estar completamente satisfeyta.

Neste lugar pois são nas almas tão intensas as dores, que por mais que consideremos todas, quantas padecêraõ, & haõ de padecer os homens neste mundo, desde que este teve ser, atè que haja de acabar; ou fossem procedidas dos achaques, & doenças, que ha na terra, ou das que se experimentaõ nas tormentas do mar, ou nascidas dos incendios do fogo, ou das pestes, que occasiona a corrupção do ar, tudo he menos, do que a menor pena das que se padecem no Purgatorio.

Disse-o Santo Anselmo:

*D. Ansel. De quibus minimum maius
in Elucid. est, quàm maximum, quod
in hac vita excogitari pos-
sit.* E São Bernardino de Sena disse, que ainda todas juntas não eraõ cousa alguma em comparação do

que nelle se padecia: *Omnes simul junctæ nihil sunt respectu tribulationum animarum Purgatorii.*

D. Bernar
din. tom.
4. part. 2.
Serm. 15.
fol. mihi
86.

Em comparação deste fogo, que atormenta as almas no Purgatorio, he a voracidade do Mongibello hũa pintura, os ardores do Ethna hũa sombra, as lavaredas do Vesuvio hũa semelhança: *Ille ignis sic se habet ad nostrum ignem, sicut se habet veritas ad pieturam*, disse São Agostinho: Aquelle fogo em comparação do nosso he como o verdadeyro a respeito do pintado.

D. Aug.
apud
Hug. to. 2.
in Plal. 37
fol. mihi
97. col. 3.

Refere-se na vida de Santa Maria Magdalena de Pazzi, que estando em hum rapto, em que se lhe representáraõ as penas do Purgatorio, dissera, que tudo quanto neste mundo padecêraõ os Martyres, em comparação dellas, fora, como o viver entre o mimo das flores, as sombras das arvores, a frescura das fontes, & as delicias dos jardins: *Beata Maria Magdalena de*

C Pazzi

Pazzi in raptu dicebat omnia tormenta, quæ passi sunt Martyres, fuisse tamquam amœnũ hortum respectu eorum, quæ insliguntur in Purgatorio.

Parecevos, que disse muyto? Pois mais affirma São Bernardino, que diz, não só as que padecerão os Martyres, & todas as demais creaturas deste mundo, mas até as que sofreo Christo Senhor nosso em todo o tempo de sua sagrada Payxaõ, foraõ nada a este respeito: *Omnes pænæ, quæ possunt excogitari in hoc mundo, & pænæ Christi, & omnium aliorum Martyrũ, cæterarumque personarum, & creaturarum nihil sunt respectu pænæ Purgatorij.* Finalmente, diz São Cesareo, quereis saber, que tormentos são os do Purgatorio? Pois tende entendido, que he mais que tudo, quanto se pôde ver, quanto se pôde imaginar, & quanto neste mundo se pôde sentir: *Ille Purgatorius ignis durior erit, quàm*

D. Bernar.
din. tom.
4. part. 2.
Serm. 15.
de Purg.
mihi fol.
84.

D. Cæsar.
Episcop.
Arelat.
hom. 7.

quod pænarum potest in hoc sæculo, aut videri, aut cogitari, aut sentiri. Vede pois se na consideraçã destes tormentos, que estaõ padecendo as almas, tem estes Irmãos grande motivo para o seu sentimento, para a sua compayxaõ, & para a sua dor: *Doleo super te frater mi Jonatha.*

Mas que muyto, que estes sejaõ tão intensos, se o que accende o fogo, que os atormenta, he a poderosissima mã da justiça punitiva de Deos? *Ignis autem ille Purgatorius nullo Angelo bono, vel malo accendente ardet, sed Divina Justitia nutriente,* disse o Abulen-
se. Lá se vio o Santo Job tão affligido, que com repetidos rogos pedia a todos os seus amigos, que se compadecessem delle: *Miseremini mei, miseremini mei, saltem vos amici mei.* Pois não foy este o exemplar de huma perfeyta paciencia? Pois como agora com tão enternecidas vozes clama aos seus amigos, que tenhaõ delle com-

Abulen.
in Exod.
cap. 12. f.
146. lit. F.
Job 19.
21.

compayxão? Reparay, que logo no contexto immediatamente deo disse a razão: *Quia manus Domini tetigit me*: porque agora me acho tocado da divina mão; a justiça punitiva de Deos he, quem agora me castiga por minhas culpas; & assim são as minhas dores tão intensas, que me obrigão a romper nestas lastimosas vozes, pedindo, que se compadeção de mim pelo menos os meus amigos: *Miseremini mei, miseremini mei, &c.* Com estas mesmas, em q̃ então desabafou o sentimento de Job, estão hoje as almas clamando no Purgatorio, pedindo a todos os fieis, que se compadeção dellas, porque da mesma sorte que elle, se achão tocadas da mão da justiça punitiva de Deos: *Recte clamant animæ Purgatorij, miseremini mei, miseremini mei, quia manus Domini tetigit me*, escreveo hũa douta penna.

Ouvi em confirmação do referido hum grande

texto de São Paulo: *Horrendum est incidere in manus Dei viventis*. He cousa horrenda, & muyto para se temer, o cahir nas mãos de Deos vivo. Reparo naquella ultima clausula: *In manus Dei viventis*. Nas mãos de Deos vivo? E quando pôde o homem cahir nas de Deos morto? Se Deos Senhor nosso he immortal, & como tal vive sempre, como diz o Apostolo, que he cousa horrenda, o cahir nas mãos deste Senhor vivo? Direy: Em quanto vivemos neste mundo, estamos todos nas de hum Deos, que estando vivo para nos favorecer, se ha como morto em ordem a nos castigar; porque alguns trabalhos, que nelle nos dá, como são os da infancia, os da pobreza, os da guerra, os da fome, os da doença, & os das mais misérias desta vida, todos são tão brandos, & tão remissos, que parece, serem dados pela mão de hum Senhor amorteci-

C 2

do

Bellens.
in cōme-
mor. ani-
mæ.

do, ou de hum Deos como morto; porèm os que este Senhor dá a huma alma pelas suas culpas na outra vida; ou seja no Inferno, ou no Purgatorio; effes (diz o Apostolo) para que entendais, o quanto são mayores, vos digo, que vem da mão de hum Deos vivo; & nem tenho outras palavras, com que melhor os explique, do que com vos dizer, que este castigo he horrendo: *Horrendum est, &c.* Esta he a primeyra pena, que as almas padecem no Purgatorio, a q̃ os Theologos chamaõ *pæna sensus*.

Alèm desta, Catholicos, ainda as almas no Purgatorio padecem outra mayor, & he, a que os mesmos chamaõ, *pæna desiderij*, ou *pæna damni*. Consiste esta, em que não podem as almas, em quanto estão naquelle carcere, ver a Deos; & como na sua vista consiste o Summo Bem, o verem-se privadas delle, he a sua mayor pe-

na, a lembrança da visãõ Divina lhes motiva a mayor dor. Menos sentem a *pæna sensus*, procedida das lavaredas do fogo, em que se abrazaõ, ou de outro qualquer tormento, que padeçaõ, do que a falta desta divina visãõ. O *quanta pæna est dilatatio gloriæ!* exclama aqui hũ douto Parisiense: *O quàm amara est recordatio visionis Divinæ! maxime cum jam tempus Deo fruendi advenit, & anima à pondere sui corporis absoluta fuerit; ipsi animæ gravius multo est, carere Deo, quàm cruciari Purgatorij igne.*

Permittio Deos Senhor nosso ao Demonio, que perseguisse ao Santo Job; porque quera, que a virtude deste seu servo se fizesse a todo o mundo manifesta. Executou este inimigo a permissãõ com tanto rigor, que lhe destruhio toda a fazenda, abrazoulhe os servos, matoulhe os filhos, & da cabeça atè os pès o cobrio de lepra. E sendo, que to-

V. ex
moncius
Paris. c. 6.
Instit. ad
pœna.

dos

dos estes trabalhos lhe
causaria hũa vehemen-
te dor: *Videbant enim do-
lorem esse vehementem*; tu-
do isto soffreo com paci-
encia, com dissimulação,
com silencio, & com des-
canço, como elle mesmo
disse: *Non ne dissimulaui?*
Non ne silui? Non ne quie-
vi? Et venit super me in-
dignatio. Ouy-o agora no
outro lugar, fallando com
Deos, dandolhe amorosas
queyxas nestas enterne-
cidas vozes: *Cur faciem*
tuam abscondis, & arbitra-
ris me inimicum tuum? Se-
nhor, diz Job, porque es-
condeis de mim a vossa
face, & me tratais como a
inimigo vosso? Pois se na
primeyra occasião, em
que o Demonio, por per-
missão Divina, o perse-
guiu, foy vehemente a
sua dor: *Dolorem vehemē-*
tem, & ainda assim dissimulou, guardou silencio,
& se portou com descanço; como só agora rompe
nestas sentidas vozes, fa-
zendo ao mesmo Senhor
estas amorosas queyxas?

Sabeis porque? He por-
que via Job, que ainda de-
pois de todos estes traba-
lhos, o não levava este Se-
nhor para si, pois ainda
por sua morte havia de ir
para o Limbo dos Padres,
donde ainda lhe esconde-
ria a sua face, & o trataria
como a inimigo seu: *Cur*
faciem tuam abscondis, &
arbitraris me inimicū tuū?
que he a mesma pæna de-
siderij, que hoje padecem
as almas no Purgatorio; &
posto que a primeyra ti-
nha sido grande, esta se-
gunda era mayor: a pri-
meyra dor sim foy vehe-
mente, *dolorem vehemen-*
tem; porèm a segunda atè
à paciencia de Job pare-
cia insupportavel: *Cur fa-*
ciem tuam abscondis, &c.

Desterrado andava o
Principe Absalaõ pela
morte, que mandou fazer
de seu irmaõ Amnon. In-
tercedeo por elle Joab
diante de David; conce-
deo este, que viesse para
sua casa, porèm que não
entraria no paço, nem ve-
ria a sua face: *Revertatur*

2. Reg.
14. 24.

22 *Sermão nas Exequias dos Irmãos*

in domum suam, & faciem meam non videat. Não se deo este por aliviado do castigo, antes pedio a Joab, que intercedesse por elle segunda vez, para que se lhe concedesse o ver a face do Rey; acrescentando, que se este para a negação, ainda se lembrasse da sua culpa, que teria por menos mal, que se lhe tirasse a vida: *Obsecro ergo, ut videam faciem Regis, quòd si memor est iniquitatis meae, interficiat me.* Taõ grande como isto era a dor, que sentia Absalaõ, de verse privado de ver a face do Rey! Porèm que proporção pòde haver do limitado para o infinito? Do ver a face de hum Rey da terra, com o ver a face de Deos, Rey, & Senhor de todo o creado? Se a huma alma do Purgatorio se lhe concedera voltar a este mundo com mil vidas, rogára melhor do que Absalaõ, que quera antes em outros tantos martyrios perder todas, do que o retar-

dar-se-lhe huma só hora, & ver a face de Deos: *Obsecro ergo, ut videam faciem Regis, &c.* Taõ grande, & taõ vehemente he a *pæna desiderij*, que as almas padecem no Purgatorio! Vede pois, se tem estes Irmãos justo motivo, para se compadecerem dellas, assim como lá David se dohia de Jonathas: *Doleo super te frater mi Jonatha.*

II. PONTO.

TEmos com brevidade ponderado as penas, que padecem as almas do Purgatorio. Vejamos agora com a mesma, o como as podemos aliviar dellas. Atè agora ouvisteis tormentos rigorosos; ouvi agora remedios pios. O principal, que ha para aliviar as almas, he o das Missas: *Missa est maius bonum, quod possit fieri pro animabus propter communicationem corporis Christi.* De tanta virtude he este incruento sacrificio, que de si hũa só Missa he suficiente.

Ibid. 33.

D. Bernardino.
tom. 4.
p. 2. Ser.
15. mib.
fol. 86

ficiente para tirar todas as almas do Purgatorio. Tudo disse a luz de Sena, S. Bernardino: *Nam una Missa sufficiens est evellere*
 1. Reg. 2. omnes animas de Purgatorio.
 36.

No segundo Capitulo do primeyro livro dos Reys se diz o modo, com que antigamente se devia de orar a Deos, para da sua culpa se purificar hũ peccador; & diz, que havia ser, offerecendo ao Sacerdote huma moeda de prata, & hũa torta de pão, para este offerecer por elle sacrificio: *Offerat nummum argenteum, & tortam panis*. Ouvi hum grande Escriitor da Companhia na exposiçaõ deste lugar: *Quicumque in domo tua superstes fuerit, cum à suo se peccato voluerit expiare, summum Sacerdotem supplex adibit, offerens ei nummum, seu obolum argenteum, & tortam panis, ut pro se sacrificet, seque à peccato immunem reddat*. O Apostolo na primeyra carta, que escreveo aos de Co-

Mendoza
 líc n. 6.
 fol. 334.

rintho, nos diz que muytos successos da ley antiga succederaõ para nõs em figura: *Hæc autem in figura facta sunt nostri*. E cuydo eu, que hum delles he este, que temos entre mãos. Na moeda de prata, *nummum argenteum*, temos expressa a esmola, q̃ para o sacrificio da Missa se costuma dar ao Sacerdote. Na torta de pão, & *tortam panis*, disse sobre este mesmo lugar a luz da Igreja S. Gregorio Magno, se figurava o Divinissimo Sacramento do Altar: *Panis namque nomine ille exprimitur, qui de semetipso ait: Ego sum panis vivus, qui de Cælo descendit*. Este sacrificio pois com aquella esmola he o remedio pio, & efficaz, para purificarmos as almas do Purgatorio das suas culpas, & as livrarmos das penas, que nelle padecem. Isto mesmo nos deyxou escrito S. Agostinho: *Neque negandum est defunctorum animas pietate suorum viventium relevari,*

1. ad Cor.
 10. 6.

D. Greg.
 Magn. in
 Enchir.
 cap. 109.

D. Aug.
 in Enchir.
 rid. cap.
 109.

cuma

24 *Sermaõ nas Exequias dos Irmãos*

cum pro illis sacrificium mediatori offertur, vel eleemosynæ in Ecclesia fiunt.

Para confirmação do mesmo pensamento, ouvi no outro texto segunda figura. Achava-se Tobias o velho proximo à morte, & despedindo-se de seu filho, chamado tambem Tobias, entre os muytos, & santos conselhos, que lhe deo, foy hum, offer devoto das almas, ensinandolhe, que sobre a sepultura do justo poria o seu pão, & o seu vinho: *Panem tuum, & vinum tuum super sepulturam justicostitue.* Ou fosse para q este pão, & este vinho se repartisse depois pelos pobres, para que estes orassem a Deos pelas almas, como era costume dos Hebreos, & ainda hoje (testimunha o ALapide) em algũas terras de Hespanha se pratica; ou com espirito superior, como no pão, & no vinho se figura o Divinissimo Sacramento do Altar, quiz-nos dar a entender, q na futu-

ra Ley da Graça, o incremento sacrificio da Missa seria o remedio mais efficaç, para as purificar das culpas, para lhes extinguir as chammas, & fazer, que sayão livres, a gozar na bemaventurança da vista de Deos.

Isto mesmo nos affirma São Joaõ no seu Apocalypse, como testemunha de vista, donde diz: *Vidi turbam magnam, quam dinumerare nemo poterat, ex omnibus gentibus, & tribubus, & populis, & linguis stantes ante thronum.* Eu vi (diz elle) hũa grande multidão de gente de todas as nações, de todos os Tribus, de todos os povos, & linguas, que estavaõ diante do throno. E curioso de saber, quem eraõ, me disse o Anjo, que aquella gente tinha vindo de hũa grande tribulação, & havia purificado as suas estolas (as suas almas commentou Hugo) no sangue do Cordeyro: *Hi sunt, qui venerunt de tribulatione magna, & laverunt stolas*

Tobix 4.
18.

ALapid.
hic

Apoc. 7.9

Hug. hic

vers. 14

las

las suas, & dealbaverunt eas in sanguine agni. Almas, que vem de huma grande tribulaçãõ, saõ, as que sahem do carcere do Purgatorio. O sangue do Cordeyro, em que se purificaõ, he o de Christo Sacramentado. Deste sangue pois, que por ellas se offerece no incruento sacrificio da Missa, he, que procede, o apparecerem puras diante do throno de Deos: *Ideo sunt ante thronum Dei.*

1. Mach.
12. 46.

Saõ tambem remedio pio, para aliviar as almas do Purgatorio, as Orações da Igreja. He texto expresso no segundo livro dos Machabeos, donde se diz: *Sancta ergo, & salubris est cogitatio pro defunctis exorare, ut à peccatis solvantur:* que he pensamento santo, & saudavel, rogar a Deos Senhor nosso pelas almas, para serem livres do Purgatorio, em que estaõ por suas culpas.

Entre os horrores de hum carcere se achava o

Principe da Igreja, o meu Saõ Pedro por mandado do tyranno Herodes: *Pe. Aa. 12. § trus quidem servabatur in carcere.* Estava preso com duas cadeas, & tinha demais à vista duas sentinelas; porèm com animo taõ destemido, & taõ sossegado, que no meyo dellas estava dormindo: *Erat Petrus dormiens inter duos milites vinctus catenis duabus.* Apareceo-lhe hum Anjo, disse-lhe, que se compuzesse, & que o seguisse: *Circunda tibi vestimentum tuum, & sequere me.* Desta sorte milagrosamente ficou livre. Agora donde vos parece, que procederia, o fazer-lhe Deos Senhor nosso este grande beneficio? O mesmo texto o diz: *Oratio autem fiebat sine intermissione ab Ecclesia ad Deum pro eo.* De que neste tempo estava a Igreja continuamente fazendo a Deos Senhor nosso oração por elle. Os suffragios desta o puzeraõ fóra daquelle carcere. Neste, em que Pedro estava,

D se

se figurava o do Purgatorio, donde as almas assistem. Nas duas cadeas, as duas penas, que nelle padecem, a *pœna sensus*, & a *pœna desiderij*. Quereis pois, Catholicos, livrar as almas destas duas grandes penas, ou quebrar os fuzis destas grossas cadeas? Pois offerecey por ellas a Deos Senhor nosso as vossas orações: *Oratio autem fiebat*.

Porém supponho, que me perguntais, que oração ha de ser esta? Lembremos do dia, em que estamos, que he a primeyra Dominga do mez, em que os Irmãos do Rosario de Maria Santissima Senhora nossa lhe costumão fazer a sua procissão. Digo pois, que offereçais a Deos Senhor nosso pelas almas as oraçoens do Rosario, porque tenho para mim, que estas foraõ, as que os fieis da primitiva Igreja offerecêraõ por Pedro, quando este estava no carcere. Fundome, para o dizer assim, no mo-

do com que Christo Senhor nosso os tinha ensinado a orar: *Sic ergo vos orabitis: Pater noster, qui es in Cælis, sanctificetur nomen tuum, adveniat regnum tuum, &c.* Discipulos (diz o Senhor) haveis de orar nesta fórma: Padre nosso, que estais no Ceo, santificado seja o vosso nome, venha a nós o vosso Reyno, &c. Este he o modo de orar, que Christo Senhor nosso ensinou aos fieis da primitiva Igreja, & nelles a nós todos; estes pois, como Discipulos de Christo, como haviaõ de orar por São Pedro, senão da mesma sorte, que o Senhor os havia ensinado? Logo as orações do Rosario de Maria Santissima foraõ, as que o livraraõ do carcere: *Oratio autem fiebat, &c. Sic ergo vos orabitis, &c.*

A mesma Rainha dos Anjos revelou a meu grãde Patriarcha, ser a devoção do Rosario, que lhe mandava prègar, de grande proveyto para as almas

Apud
Ricran.p.
cap.14.
pag. 36.
§.1.

do Purgatorio: *Fructus...
animarum è Purgatorio li-
beratio.*

Podemos do mesmo modo applicar pelas almas do Purgatorio todas as demais boas obras, que fizermos, as vigílias, os jejuns, os cilícios, & as disciplinas. Isto fazem hoje os virtuosos, & já antigamente o fazião os Santos. Meu grande Patriarcha São Domingos, que todas as noytes tomava com hũa grossa cadea tres disciplinas de sangue, humadellas applicava pelas almas do Purgatorio.

Finalmente he remedio pio, & muy efficaç para as almas, o das Indulgencias, que os Summos Pontifices, & mais Prelados da Igreja tem concedido. He tão grande remedio este, que se a Indulgencia he plenaria, livra a huma alma de todas estas penas de nũa só vez.

Agora vos quero descobrir o precioso thesouro, que tendes nesta santa Irmandade do Senhor dos

Passos desta Casa, que além das muytas Indulgencias, que o Summo Pontifice Clemente XI. nosso Senhor, que hoje governa a Igreja de Deos, tem concedido em diversas Bullas a todos os Irmãos para diferentes dias do anno; concedeo mais a todos, os que nella entrarem, Indulgencia plenaria para a hora da morte. Este he o melhor beneficio, que vem de Roma; a mayor graça, que para aquella hora faz o Summo Pontifice a hũ Principe, quando este naquella Curia chega a beijarlhe o pè.

Por virtude desta Indulgencia, se morreres verdadeyramente arrependidos das vossas culpas, & confessados; ou não podendo confessarvos, se tiveres dellas huma verdadeyra contrição, vos livrais inteeyramente das penas do Purgatorio; porque o Summo Pontifice, como Vigario de Christo na terra, & dispenseyro do thesouro inexhaurivel

D 2

de

28 *Sermão nas Exequias dos Irmãos*

da Igreja, na referida Indulgencia vos applica a virtude dos infinitos mercimentos do mesmo Senhor em remissão de toda a pena. Ditoa será aquella alma, que se souber dispor, para a conseguir. Lembrovos, que para a alcançares, haveis de ter tambem a Bulla da Santa Cruzada. Estes são os remedios pios, com que podeis aliviar as almas das penas do Purgatorio. E usando delles, mostrareis, que vos doeis, ou condoeis dellas, assim como lá David se dohia, ou condohia de Jonathas: *Doleo super te frater mi Jonatha.*

III. PONTO.

TEndes ouvido os tormentos, que as almas padecem, & os remedios, com que se aliviação. Ouvi agora, depois delles, o agradecimento, que tem. Que as almas do Purgatorio aos nossos suffragios se hajaõ de mostrar

agradecidas, he materia sem duvida. E fenaõ dizeyme: Que homem de bem haveria ahi, que vindo que outro seu amigo com a sua industria, & á custa da sua fazenda, o tinha livrado de hum carcere, donde vivia oprimido com grandes tormentos; se este depois chegasse a ser valido do Rey, poderia deyxar de se lembrar do amigo, que o havia remido? He certo que não. Mas ainda dado caso, que isso se possa achar cá no mundo, não o pôde haver em hum bemaventurado, que pelo seu estado já he impeccavel, & consequentemente incapaz de ingratidaõ.

Mas não quero fiar sómente deste discurso a prova deste pensamento. Ouvi a David em hum texto, em que talvez ainda não reparasseis: *Oratio mea in sinu meo converte-* Psalm. 34. 13 *tur.* A minha oração ha-se de virar, ou converter no meu seyo. Notavel conversão por certo he esta

esta da oração de David! Que este dissesse, que a sua oração sahia do seu coração, ou do seu seyo para Deos, atè ahi bem se deyxava entender; porèm que affirme, que esta oração se vira, ou converte de Deos para elle, isto como pòde ser? Busquemos ao texto Expõsitor: *Oratio mea* (disse Lothner) *in sinu meo convertetur, quæ facta est pro animabus*: Esta oração, de que aqui fallava David, era, a que fazia a Deos Senhor nosso pelas almas. Agora já eu o entendo. Mas para que me percebais melhor, hei-de explicarme com hum exemplo. Fazeis hũ presente ao vosso amigo, acha-se este obrigado, & por não faltar às leys de agradecido, passado algũ tempo, vos manda outro. Não he formalmente o mesmo, que vòs mandastes, que isso iõra grossaria; mas ou he outro equivalente, ou se elle he caprichoso, vem a ser outro com ventagem. Neste sen-

Lothner.

tido se verifica, que o vosso presente sahio da vossa casa para a do amigo, & pelo agradecimento deste voltou em equivalente da mesma casa do amigo para a vossa. Eis-ahi pois o que diz David neste texto. Isto mesmo me succedeo com a minha oração, que fiz a Deos Senhor nosso pelas almas: *Oratio mea in sinu meo convertetur, quæ facta est pro animabus*. He verdade, que esta sahio de mim para Deos; porèm pelo agradecimento das almas, & do mesmo Deos, tornou a voltar deste Senhor para mim; que a não ser assim, nem as almas foraõ primorosas, nem andáraõ agradecidas. Por isso S. Bernardino sobre este mesmo texto disse: *Qui pro alio orat, pro se laborat*: O que ora a Deos por outrem, entenda, que trabalha para si. A mesma intelligencia dá a este texto a luz da Igreja Santo Agostinho. Deyxo as suas palavras por mais dilatadas.

D. Bernardin. tom. 4. part. 2. Serm. 15. pag. mihi 86.

D. Aug. Serm. 44. ad Fratr. in eremo. fol. 740. lit. B.

D 3

Ora.

30 *Sermão nas Exequias dos Irmãos*

Ora já vimos, que agradecem; agora mostrar o como, he fômente, o que falta. São as almas do Purgatorio agradecidas aos seus devotos, alcançando-lhes de Deos nesta vida a graça, para por meyo della os levarem à bemaventurança.

LUC. 16.9 *Facite vobis amicos.* (dizia Christo Senhor nosso) *de mammona iniquitatis: ut cum defeceritis, recipiant vos in æterna tabernacula.* Homens ricos, que com o vosso dinheyro comprais vicios, muday de emprego, & com elle fazey amigos; mas esses taes sejaõ de qualidade, que quando morreres, levem vossa alma para a bemaventurança. Amigos do outro mundo, que se podem fazer com as riquezas deste, quem são, senão as almas do Purgatorio? Os Santos, como já estão no Ceo gozando do Sûmo Bem, não necessitaõ do vosso dinheyro; as almas sim; porque com elle lhes podeis fazer muytos suffra-

gios, para na hora da morte os achares por amigos: *Facite vobis amicos de mammona iniquitatis.* O agradecimento pois destes amigos ha de fer, o que Christo diz: Quando morreres, levarão a vossa alma para o Ceo: *Ut cum defeceritis, recipiant vos in æterna tabernacula.*

Quantos homens ha ricos neste mundo, que com o seu dinheyro fazem amigos? Pelo menos poucos são, os que não queyram fer amigos do que té dinheyro. Porém que amigos são estes, que com elle fazeis? Eu vo lo digo: He hum, que se meteo com-volco, para vos pedir emprestado, o que vos não ha de pagar em tempo algum. Outro, que só vos persuade divertimentos, & regalos, porque se não contenta, que lhe mateis a fome senão com banquetes. Outro, que vos persuade, que as casas de jogo são o divertimento da Nobreza, & estas a muytos homens

de grandes cabedaes deyxaráo já sem capa. Outro, que vos mete em defasios, dõde se arrisca a vida. Outro em pontos, em que periga a honra; & outro finalmente, que vos leva a casa, donde perdeis a alma. Por isso o Senhor à vossa riqueza chama, *Māmona iniquitatis*. Muday pois, Catholicos, de eleyção de amigos; os referidos guiaõ-vos para o Inferno; & se fizeres amigos, os que estaõ no Purgatorio, esses, quando morres, levarvos haõ para o Ceo: *Ut cum defeceritis, recipiant vos in æterna tabernacula*.

O commercio com estes amigos he de tanto avanço, diz São Bernardo, que nelle se interessa cento por hum: *Sustinetis accipere quantum cleemosynæ pro defunctis exhibitæ nobis conferant? Centuplum restituent*. Mejaõ, ò homem, diz São Agostinho, que Deos se compadeça de ti? Pois para isso te debes compadecer, dos que estaõ no

Purgatorio, pois da mesma sorte que te compadeceres delles, assim usará Deos contigo: *Cupis, ò homo, ut tui misereatur Deus, fac ut proximo miserearis; nam tantum tibi miserebitur Deus, quantum & tu misereberis proximo... Ora ergo pro defunctis*. Finalmente, mais te aproveyta, ò Christaõ, diz S. Bernardino, aquella esmola, que fazes às almas do Purgatorio, do que dez vezes outro tanto, que neste mundo dês de esmola ao encarcerado, ao enfermo, ao nu, & ao faminto; porque como a sua necessidade he mais urgente, fica o teu merecimento mayor, & consequentemēte o agradecimento ha de ser superior: *Quoties tu facis aliquod bonum pro anima existente in Purgatorio, tibi magis prodest, & plus mereris, quàm faceres decem tantundem pro uno existente in hoc mundo, etiamsi esset incarcerratus, infirmus, nudus, & famelicus; nam*

quan

D. Aug.
tom. 1.º.
ad fratres
in crem.
Serm. 44.
de pietate,
charitate,
&
suffragiis
defunctorum
fol.
mili 739
lit. C.

D. Bernardino.
tom. 4.
part. 2.
Serm. 1.º.

D. Bern.
de regref.
su ani-
mar.

32 *Sermão nas Exequias dos Irmãos, &c.*

*quanto tu facis magis egen-
ti, tanto magis est bonum.*

Ricard.
de S. Vi-
tor. Ser.
27. de
mortuis.

Assim como as almas sahem do Purgatorio, & se avistaõ com Deos, não cessaõ (diz Ricardo) de lhe pedir pelos que lhe valeraõ com os seus suffragios: *Animæ ereptæ de Purgatorio, dum adsunt cælesti gaudio, miro ordine interpellant, exorando pro his, qui subvenerint in hoc sæculo.* E como Deos he

hum Senhor por nature-za magnifico, & liberal, lhes não nega cousa algu-
ma: *Deus enim nihil eis ne-
gat.* Pedem-lhe pois, que lhes augmente a vida, que lhes conserve a saude, que lhes multiplique a fazen-
da, que lhes defenda a honra, que lhes acredite a fama, que lhes commu-
nique a graça, & que lhes assegure a gloria: *Quam mihi, & vobis, &c.*

Laus Deo, Virginique Matri.

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central



2.838